

Presidente da Síria põe os pingos nos i's

Entrevista do Presidente Bashar Al-Assad ao Frankfurter Allgemeine Zeitung, em 17/Junho/2013

By [DR Bachar al-Assad](#)

Global Research, June 24, 2013

Damasco, (SANA) – O presidente Bashar al-Assad concedeu a seguinte entrevista ao jornal alemão *Frankfurter Allgemeine Zeitung (FAZ)*:

FAZ: Sr. Presidente, como vê a situação no seu país? O exército sírio perdeu o controle de grandes partes da Síria, ou seja, ficaram fora do controle do governo central. Qual é a sua opinião sobre a situação?

Assad: A sua pergunta obriga-nos a colocar as coisas no contexto: esta não é uma guerra convencional, com dois exércitos lutando pelo controle ou libertação de zonas ou partes do território. Do que realmente estamos tratando é de uma espécie de guerra de guerrilha.

E quanto ao exército sírio, não houve nenhum caso em que as nossas Forças Armadas tenham planeado entrar em algum lugar particular e não fossem bem sucedidas. Dito isto, o Exército não está presente – e não deve estar presente – em todas os cantos da Síria. O que é mais importante do que o controle de áreas no terreno são os ataques terroristas. Estamos confiantes de que podemos lutar com sucesso contra o terrorismo na Síria, mas o maior problema é o dano resultante e o custo. A crise teve um preço muito alto, mas os nossos maiores desafios virão uma vez que a crise acabe.

Os elementos estrangeiros visam prolongar a crise política e militar

FAZ: Na sua recente entrevista à Al-Manar parecia querer preparar o público Sírio para uma luta prolongada. Foi essa a sua intenção?

Assad: Não, isso não foi específico para a Al-Manar. Desde os primeiros dias da crise, cada vez que me perguntavam, eu disse que é provável que essa crise se prolongue devido à interferência estrangeira. Qualquer crise interna pode seguir de duas maneiras: ou é resolvida ou se intensifica em guerra civil. Nenhuma delas tem sido o caso da Síria; devido à componente externa, que procura estender a duração da crise política militarmente, eu acho que é justo dizer que as minhas previsões estavam correctas.

A genuína reconstrução reconstrói mentalidades, ideologias e concepções

FAZ: Sr. Presidente, como espera superar a destruição em larga escala que foi infligida à Síria?

Assad: Da mesma forma que a Alemanha ultrapassou a devastação da Segunda Guerra Mundial, e da mesma forma que muitas outras nações têm progredido e se reconstruído após as suas guerras. Espero que a Síria seguirá o mesmo caminho. Com as pessoas residentes, podemos reconstruir o país. Nós fizemos isso antes e podemos fazê-lo de novo,

aprender com tudo o que passámos.

Em termos de financiamento, temos sido um país auto-suficiente desde há muito tempo. É claro que temos de ser mais produtivos do que antes por causa da situação. Países amigos que nos ajudaram no passado continuarão a oferecer o seu apoio, talvez sob a forma de empréstimos no futuro. Pode levar muito tempo, mas com a nossa determinação, nossa força e nossa solidariedade, podemos reconstruir o país.

No entanto, o desafio mais difícil é reconstruir, social e psicologicamente, aqueles que foram afectados pela crise. Não vai ser fácil eliminar os efeitos sociais da crise, especialmente as ideologias extremistas. A reconstrução real é sobre o desenvolvimento das mentes, ideologias e valores. A infra-estrutura é importante, mas não tanto quanto os seres humanos. A reconstrução é perpetuar ambos.

O mapa redesenhado da região será o das guerras Médio no Oriente

FAZ: Sr. Presidente, durante a crise algumas zonas do país tornaram-se mais independentes ou mais dependentes da ajuda externa. Acha que isso poderia levar à redefinição das fronteiras?

Assad: Você quer dizer, na Síria ou na região em geral?

FAZ: Na região - cem anos depois do Acordo Sykes-Picot.

Assad: Cem anos depois de Sykes-Picot, quando falamos de redesenhar as fronteiras da nossa região, podemos usar uma analogia da arquitectura. Síria é como a pedra angular dos antigos arcos arquitectónicos. Eliminando ou alterando a pedra angular, o arco desmorona-se. Aplicando isto para a região, para o mundo, qualquer alteração dos limites da região levará a redesenhar os mapas de regiões adjacentes, já que isso vai ter um efeito de cascata que se pode descontrolar. Qualquer das grandes potências pode ser capaz de iniciar o processo, mas ninguém – incluindo a superpotência, será capaz de o parar, especialmente uma vez que existem novas fronteiras sociais hoje no Oriente Médio, que não existiam no Sykes-Picot. Essas novas fronteiras sectárias, étnicas e políticas tornam a situação muito mais complicada. Ninguém pode saber o que o Oriente Médio vai ser se houver uma tentativa de redesenhar o mapa da região. No entanto, o mais provável é que o mapa vá ser uma das muitas guerras que transcendem o Médio Oriente, que vão do Atlântico até ao Pacífico, e que ninguém pode parar.

FAZ: Sr. Presidente, na sua opinião como será a região no futuro?

Assad: Se afastarmos o cenário destrutivo da divisão na sua última pergunta, posso imaginar um futuro completamente diferente e mais positivo, mas vai depender de como agirmos como nações e sociedades. Este cenário envolve uma série de desafios, o primeiro dos quais é o restabelecimento da segurança e da estabilidade; o nosso segundo desafio é o processo de reconstrução. No entanto, o nosso maior e mais importante desafio é em relação ao extremismo.

Tornou-se muito claro que houve uma mudança nas sociedades da nossa região longe da moderação, especialmente religiosa. A questão é: podemos restaurar estas sociedades na sua ordem natural? Podem as nossas diversas sociedades continuar a viver juntas como um todo natural? Neste ponto, eu gostaria de esclarecer alguns termos. As palavras de tolerância e convivência são frequentemente usadas para definir as nossas sociedades. No

entanto, a definição mais precisa e adequada de como as nossas sociedades costumavam ser - e como devem ser, é harmoniosa. Contrariamente à percepção, a questão não é nem a tolerância - já que chegará um dia em que não se é mais tolerante, nem é a questão sobre a coexistência - já que coexistimos com os adversários, mas é o harmonia. O que já nos caracterizou na região foi a harmonia. Ninguém pode dizer que a sua mão coexistirá com, ou tolerará o pé, porque há uma complementaridade de ambos, são parte de um todo harmonioso.

Outro desafio é a reforma política e a questão de saber que sistema político manteria a nossa sociedade coerente: presidencial, semi-presidencial ou parlamentar, assim como decidir qual a legislação mais adequada para governar os partidos políticos. Na Alemanha, por exemplo, têm o Partido Democrata Cristão. Na Síria, não poderíamos fazer os feriados religiosos, nem cristãos, nem muçulmanos, porque para nós a religião é para a pregação e não para a prática política. Há muitos outros detalhes, mas a essência está em aceitar os outros. Se não podemos aceitar o outro não podemos ser democráticos, mesmo com a melhor das constituições ou as melhores leis.

Somos um Estado laico que trata essencialmente os seus cidadãos por igual

FAZ: O Sr. Presidente, onde situa o secularismo no meio do crescente poder islâmico na região?

Assad: Esta é uma pergunta muito importante, muitas pessoas na região não entendem essa relação. O Oriente Médio é um centro de diferentes ideologias. A sociedade árabe está baseada principalmente em dois pilares: o Pan-arabismo e o Islão. Há outras ideologias, como o comunismo, o liberalismo, o nacionalismo sírio, mas estes não são tão populares. Muitas pessoas entendem o secularismo como sinónimo de comunismo no passado, porque é contra a religião. Na verdade, o oposto é que é verdadeiro; para nós, na Síria, o secularismo é que trata da liberdade de confissão incluindo o cristianismo, o islamismo e o judaísmo, e as várias seitas dentro dessas religiões. O laicismo é crucial para a nossa unidade e sentido de pertença nacional. Portanto, não temos escolha a não ser fortalecer o secularismo, porque a religião já é forte na nossa região, e devo salientar aqui que isso é muito saudável. O que não é saudável é o extremismo, já que, em última instância, leva ao terrorismo. Nem todos os extremistas são terroristas, mas todo o terrorista é, definitivamente, um extremista.

Assim, em resposta à sua pergunta, nós somos um Estado laico que trata, essencialmente, os seus cidadãos igualmente, independentemente da religião, seita ou grupo étnico. Todos os cidadãos gozam de igualdade de oportunidades, independentemente das crenças religiosas.

A Síria está passando por situações difíceis, definitivamente não é uma estância turística

FAZ: Sr. Presidente, como é que vê os dois anos e meio desde a chamada Primavera Árabe?

Assad: Isso é um erro. A Primavera não inclui o derramamento de sangue, o assassinato, o extremismo, a destruição de escolas ou evitar que as crianças vão à escola, ou impedir as mulheres de escolher o que vestir e o que é bom para elas. A primavera é a estação mais bonita, mas nós avançamos através das circunstâncias mais terríveis; definitivamente isso não é primavera. A Primavera é compatível com o que está acontecendo na Síria - a

matança, o sacrifício, a decapitação, o canibalismo? Deixo isso ao seu critério.

FAZ: Quais são as questões que a chamada “Primavera Árabe” supostamente deverá resolver?

Assad: A solução não está na “primavera” ou qualquer outra coisa, a solução está em nós. Nós somos os únicos que devemos oferecer soluções, ser pró-ativos ao invés de reactivos. Quando nos aproximamos dos nossos problemas de forma pró-activa garantimos que temos as soluções certas. Soluções impostas pela ‘primavera’ só podem levar a resultados distorcidos.

Como muitos países do Oriente Médio, temos muitos problemas de que estamos cientes e vemos objectivamente. Esta é a forma como esses problemas devem ser resolvidos, uma vez que as soluções são fabricadas internamente e não externamente, pois isso pode produzir uma solução distorcida ou morta. É por esta razão que chamamos ao diálogo e às soluções, que devem ser cultivadas por nós, a fim de garantir que nos levam à Síria que aspiramos.

O que está acontecendo no Iraque, no Líbano, são consequências da situação na Síria

FAZ: Sr. Presidente, o senhor rejeitou qualquer forma de intervenção estrangeira e alertou para que isso iria prolongar a batalha para áreas mais amplas. Isso já aconteceu?

Assad: Vamos ser claros sobre isso; existem dois tipos de intervenção estrangeira: indirectamente através de intermediários ou agentes, e intervenção directa por meio de uma guerra convencional. Estamos vivendo a primeira. No início da crise, eu avisei que a intervenção na Síria – mesmo que indirectamente, é semelhante à manipulação de uma linha de falha, o que criaria ondas de choque em toda a região. Naquela época, muitas pessoas – especialmente nos meios de comunicação, entendia isto como o presidente Assad ameaçar espalhar a crise além das fronteiras da Síria. Claramente eles não entenderam o que quis dizer no momento, mas é exactamente isso que está acontecendo agora.

Se olharmos para a realidade à nossa frente, podemos ver claramente que o que está acontecendo no Iraque, no Líbano, são repercussões da situação na Síria, e isso vai-se espalhar mais e mais. Vemos essas ramificações e a intervenção ainda é indirecta, agora imagine as consequências de uma intervenção militar. A situação, claro, ficaria muito pior e, em seguida, o efeito dominó do extremismo generalizado, o caos e fragmentação.

As relações de cooperação com a Rússia e o Irão estão garantidas pelo direito internacional

FAZ: Você critica países, como a Arábia Saudita, Qatar, Turquia e Reino Unido pelo seu envolvimento na crise Síria, mas não é verdade que a Rússia e o Irão também estão envolvidos?

Assad: Há uma diferença significativa entre a cooperação de Estados contra a desestabilização de um país e a ingerência em seus assuntos internos. A cooperação entre países é concebida no conceito de vontade mútua, de uma forma que preserve a soberania, a independência, estabilidade e auto-determinação. Nosso relacionamento com a Rússia, o Irão e outros países que apoiam a Síria são relações de cooperação certificadas no âmbito do direito internacional.

Os países que você mencionou, adoptaram políticas que se intrometem nos assuntos internos da Síria, o que constitui uma violação flagrante do direito internacional e da soberania nacional. A diferença, portanto, é que a cooperação entre países tem por objectivo preservar a estabilidade e perpetuar a prosperidade das nações, enquanto a interferência estrangeira é destinada a desestabilizar o país, a disseminação do caos e a perpetuar a ignorância.

FAZ: O senhor falou sobre o impacto da crise da Síria no Iraque e Líbano, cujas sociedades são baseadas no que poderíamos chamar um sistema sectário. Acha que um sistema deste tipo com pilares sunitas e xiitas poderia ser estabelecido na Síria?

Assad: Não há dúvida que os sistemas sectários em países vizinhos, os distúrbios sectários e guerras civis – como no Líbano há 30 anos, afectariam inevitavelmente a Síria. É por isso que a Síria interveio no Líbano em 1976 – para se proteger e proteger o Líbano. É por esta razão que estamos acompanhando de perto o desenrolar dos acontecimentos no Iraque – que nos irão afectar directamente. É também por esta razão que nos opomos fortemente á guerra no Iraque, apesar das tentações americanas e das ameaças ao longo do tempo. Rejeitamos perder a estabilidade a troco de apaziguar os americanos. Os sistemas sectários são perigosos e é por isso que insistimos no modelo secular no qual todos os cidadãos são iguais, independentemente da religião.

Jabhat al-Nusra é um ramo da al-Qaeda e tem a mesma ideologia

FAZ: Sr. Presidente, está a lutar contra a “Al-Nusra Jabhat”. Pode dizer-nos o que é essa organização, quem os apoia, e lhes dá o dinheiro e as armas?

Assad: Jabhat Al-Nusra é um grupo filiado na Al-Qaeda, com uma ideologia semelhante e cujos membros vivem na Síria, Iraque, Líbano e Jordânia e outros países árabes e muçulmanos, que estão bem financiados e têm um monte de armas. É difícil rastrear as suas origens devido ao facto de que o seu apoio está a ser feito secretamente através de indivíduos ricos e organizações que adoptam a mesma ideologia.

O seu principal objectivo é estabelecer um Estado islâmico de acordo com a sua interpretação do Islão. A ideia central do seu pensamento político é a doutrina Wahhabi – comparável a Al-Qaeda no Afeganistão. Essa ideologia está sendo sempre ministrada especialmente às mulheres. Eles alegam a aplicação da lei islâmica e da religião islâmica, mas, na realidade, as suas acções são uma completa distorção da verdadeira religião do Islão. Vimos exemplos da sua brutalidade nos nossos canais de satélite tiradas a partir de imagens que publicam sobre o assunto no [You Tube](#) para espalhar a sua ideologia; um exemplo recente foi a decapitação de um homem inocente, que foi transmitida pela televisão belga.

FAZ: Qual é a motivação da Arábia Saudita e Qatar para ajudar e armar terroristas contra si, o que eles estão tentando alcançar?

Assad: Primeiro de tudo, eu acho que esta é uma pergunta a que eles deveriam responder. Vou responder levantando algumas questões. Eles apoiam os grupos armados por causa de sua crença apaixonada pela liberdade e democracia, como eles dizem nos seus meios de comunicação? Existe alguma forma de democracia nos seus próprios países, que permita apoiar adequadamente a democracia na Síria? Têm parlamentos eleitos ou constituições votadas pelo seu povo? A sua população decidiu em algum momento, durante as décadas

anteriores, que sistema de governo quer? Seja monárquica, presidencial, principado, ou qualquer outra forma? Então, as coisas são claras: eles devem primeiro prestar atenção às suas próprias nações e, em seguida, responder à sua pergunta.

França e Grã-Bretanha procuram fantoches para levar a cabo os seus interesses

FAZ: Nessa confusão, por que a Grã-Bretanha e a liderança da França, Arábia Saudita e Qatar? O que esperam alcançar?

Assad: Não posso responder em nome da Grã-Bretanha ou França, mas posso dar a impressão geral aqui. Eu acho que a França e a Grã-Bretanha têm um problema com o papel 'chato' da Síria na região – como eles o vêem. Esses países, como os Estados Unidos, estão em busca de fantoches para cumprir as suas ordens e servir os seus interesses, sem dúvida. Nós sempre rejeitámos isso e vamos sempre ser independentes e livres. Parece que a França e a Grã-Bretanha não se esqueceram ainda da sua história colonial e persistem em tentar manipular a região ainda que através de “procuradores”. Na verdade, a Grã-Bretanha e a França podem dirigir a Arábia Saudita e Qatar sobre o que fazer, mas não podemos esquecer que as políticas e as economias da França e da Grã-Bretanha também dependem dos petrodólares.

O que aconteceu na Síria foi uma oportunidade para esses países se livrarem da Síria – esse estado insubordinado, e substituir o presidente por um “yes man”. Isso nunca vai acontecer, nem agora nem no futuro.

FAZ: A União Europeia não renovou o embargo de armas à Síria, mas ainda não aprovou armar a oposição. Qual é a sua avaliação desta fase?

Assad: É claro que há uma divisão no seio da União Europeia sobre esta questão. Eu não posso dizer que a UE apoia o governo sírio, há países, especialmente Grã-Bretanha e França, que são especialmente hostis à Síria. Por outro lado, há países – a Alemanha, em particular, que estão fazendo perguntas lógicas sobre as consequências futuras de armar os terroristas. Bem, antes de tudo, isso iria perpetuar a destruição na Síria, forçando o povo sírio a pagar um preço ainda mais alto. Em segundo lugar, através do fornecimento de armas aos terroristas, e os europeus estão bem informados que se trata de grupos terroristas. Alguns estão repetindo a retórica americana de “bons e maus”, como fizeram há alguns anos atrás com o “bom e mau Taliban, a Al-Qaeda boa e a Al-Qaeda má”. Hoje há um novo discurso que está promovendo “bons terroristas e maus terroristas”. Isto tem lógica?

Se o terrorismo prevalece, ele vai-se espalhar até à Europa

Eles estão cientes de que as armas enviadas para a região vão acabar nas mãos de terroristas, o que terá duas consequências. Primeiro, o quintal traseiro da Europa vai-se tornar um centro de terrorismo e caos, o que leva à privação e à pobreza. A Europa vai pagar o preço e perder um mercado importante. Em segundo lugar, o terrorismo não vai parar por aqui – se estenderá aos seus países. Será exportado através da imigração ilegal ou através dos mesmos terroristas que retornaram aos seus países de origem depois de terem sido doutrinados e treinados fortemente. Estas questões prementes na minha opinião estão criando uma grande divisão ou discórdia no seio da União Europeia, embora não lhes agrade, mas não têm outra opção senão colaborar com o governo sírio, mesmo se não concordam com ele.

FAZ: Vossa Excelência afirmou que, se os países europeus enviam armas para a Síria, seriam efectivamente aos terroristas armados. Considera que todos os militantes armados são terroristas?

Assad: Como cidadão europeu ou alemão eu vou-lhe fazer a mesma pergunta: no seu país permitem a alguém portar armas, intimidar ou matar pessoas inocentes, destruir e saquear? Qualquer indivíduo ou grupo, excluindo o exército e a polícia, que porta armas, mata pessoas, ameaça e intimida a segurança pública é terrorista por definição, é um padrão em todos os países. Independentemente de sua origem, se são extremistas, criminosos, ladrões ou delinquentes condenados, aqueles que carregam armas na Síria estão cometendo este tipo de actos essencialmente. Portanto, são terroristas. Nós diferenciamos terroristas de grupos de oposição convencionais, já que estes últimos são uma entidade política e têm uma agenda política. A matança e o sacrifício são terrorismo e mergulham o país em regressão anos para trás.

FAZ: Então, Sr. Presidente, o senhor vê o futuro como uma luta contra o terrorismo?

Assad: Essa é a conclusão lógica, mas na Europa há muitos políticos ilógicos, irrealistas e irresponsáveis, que estão usando os seus sentimentos negativos em vez da razão. A política não deve ser alimentada pelo amor ou pelo ódio, mas por interesses. Como cidadão alemão, você deve questionar-se sobre o que podem ganhar com o que está acontecendo na nossa região? Basicamente, o que está acontecendo agora é contra os seus interesses nacionais, o seu verdadeiro interesse reside na luta contra o terrorismo.

FAZ: Alguns consideram o Hezbollah como uma organização terrorista, sabemos que lutou ao lado das tropas sírias em al-Quseir. Também ouvimos dizer que há combatentes da Guarda Revolucionária Iraniana consigo. Você precisa realmente dessas forças?

Assad: A Comunicação Social está tentando retratar o Hezbollah como a principal força de combate e o exército sírio como fraco e incapaz de alcançar a vitória. Na verdade, nos últimos meses temos conseguido importantes vitórias em diferentes partes da Síria, e em todas estas vitórias – algumas mais importante do que a de al-Quseir – o exército sírio lutou sozinho. Nada disto é destaque na Comunicação Social. Uma das razões dessas vitórias são as Forças de Defesa Nacional – cidadãos locais a lutar ao lado do exército para defender suas comunidades e regiões. Al-Quseir tem recebido mais atenção internacional devido a declarações de autoridades ocidentais que a projectam como uma cidade estratégica, na medida em que alguns funcionários até mesmo alguns dos Estados da Nação afirmam compreender a situação de al-Quseir! Havia muito exagero mas havia também um grande número de armas e militantes. Esses terroristas começaram a atacar as cidades fronteiriças leais ao Hezbollah, o que justifica a sua intervenção junto ao exército sírio, a fim de restaurar a estabilidade.

O exército sírio é um grande exército capaz de cumprir a sua missão através da Síria, com o apoio das comunidades locais. Se estivessemos com necessidade de tal assistência, por que não usar essas forças nos campos de Damasco, perto da capital? Damasco é certamente mais importante do que a al-Quseir, como é Aleppo e todas as outras grandes cidades, pelo que isso não faz qualquer sentido. Mas, como eu disse anteriormente, o objectivo desse frenesi é reflectir uma imagem do Hezbollah como a principal força para provocar confrontos e pôr a opinião pública ocidental e internacional contra o Hezbollah.

FAZ: Que força e dimensão têm as brigadas Hezbollah actualmente na Síria?

Assad: Não há brigadas. Eles mandaram os combatentes que ajudaram o exército sírio na limpeza de áreas de fronteira libanesas que foram infiltradas por terroristas. Eles não mobilizaram forças na Síria. Como vocês sabem, as forças do Hezbollah estão posicionadas em direcção a Israel e não podem afastar-se do sul do Líbano. Além disso, se o Hezbollah queria enviar combatentes para a Síria, quantos poderia enviar? Apenas algumas centenas. O exército sírio dispõe de centenas de milhares de soldados em todo o país. Várias centenas faziam diferença numa área, mas não seria concebível que fossem o suficiente para fazer pender a balança em toda a Síria.

FAZ: Sr. Presidente, a Grã-Bretanha e a França dizem ter provas de que foram usadas armas químicas. A Casa Branca afirmou que tem informações de que se provocou a morte de 100-150 pessoas num ano, para além de se ter negado o acesso a investigadores da ONU para áreas na Síria, à excepção de Aleppo. Como se explica essa situação?

Assad: Vamos começar com o comunicado da Casa Branca sobre as 150 vítimas. Militarmente falando, é um conceito bem conhecido que durante as guerras, as armas convencionais podem causar este número de mortes, ou até mais, em um único dia, não num ano. Armas de destruição em massa geralmente matam milhares de pessoas em um determinado momento. Este elevado número de mortos é o principal motivo para a sua utilização. É contra a lógica usar armas químicas para provocar um número de mortes que poderia ser alcançado com o uso de armas convencionais.

Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e alguns funcionários europeus disseram que se utilizaram armas químicas em uma série de áreas. Apesar de tais armas existirem ou não, nunca confirmamos ou negamos a posse destas armas.

Se tivessem obtido uma única ponta de evidências de que armas químicas foram utilizadas, não acha que teriam publicado e teriam feito uma música e dançado sobre elas em todo o mundo? Onde está a prova que os levou a um tal resultado?

Estas acusações são ridículas. Os grupos terroristas usaram armas químicas em Aleppo, e então nós enviamos uma carta oficial à ONU pedindo uma investigação oficial sobre o incidente. Grã-Bretanha e França bloquearam esta investigação porque teria mostrado que os ataques químicos foram levados a cabo por grupos terroristas e, portanto, isso fornecia provas conclusivas de que eles (a Grã-Bretanha e França) estavam mentindo. Convidamos a vir à Síria para investigar o incidente, mas em vez disso, queriam que os inspectores tivessem acesso incondicional a todos os locais na Síria, em paralelo com o que fizeram os inspectores no Iraque. Somos um Estado soberano, temos um exército e todos os assuntos considerados classificados nunca serão acessíveis nem à ONU, nem à Grã-Bretanha nem à França. Só permitiremos o acesso para investigar o incidente ocorrido em Aleppo.

Portanto, todos os pedidos relacionados com o uso de armas químicas são uma extensão da fabricação contínua dos EUA e ocidental da situação actual na Síria. A sua única finalidade é justificar as suas políticas para a sua opinião pública e o uso da reclamação como um pretexto para a intervenção militar e mais derramamento de sangue na Síria.

FAZ: Os protestos começaram na Síria pacificamente antes de se tornar uma luta armada. Os seus críticos dizem que poderia ter lidado com os protestos através de reformas políticas, o que o torna, em parte, responsável pela destruição na Síria. Qual é a sua opinião sobre isso?

Assad: Nós começamos as reformas nos primeiros dias da crise e, talvez mesmo, para sua surpresa, direi que se iniciaram anos antes da crise. Emitimos uma série de novas leis, levantou-se o estado de emergência e até se mudou a Constituição através de um referendo. Este é um facto bem conhecido no Ocidente, mas o que Ocidente se recusa a ver é que, desde as primeiras semanas de protestos que tínhamos polícias mortos. Assim, como poderiam estes protestos têm sido pacíficos? Como poderiam aqueles que dizem que os protestos foram pacíficos explicar a morte desses oficiais na primeira semana? Poderiam os cantos dos manifestantes, na verdade, matar um polícia? Não.

Desde o início da crise, temos sempre reiterado que militantes armados se infiltraram entre os manifestantes e dispararam contra a polícia. Em outras ocasiões, estes militantes armados estavam em áreas próximas aos protestos e dispararam contra manifestantes e forças policiais para levar a crer que foram mortos pelo outro lado. Isso foi demonstrado por meio de investigações e confissões, que foram anunciadas em larga escala nos meios de comunicação sírios.

FAZ: Sr. Presidente, é relatado que o exército sírio bombardeou algumas áreas. Não havia outra opção?

Assad: Estamos perseguindo terroristas que se infiltram repetidamente em áreas povoadas. Tomando o exemplo de Al-Qseir, houve um frenesi da média ocidental afirmando que havia 50.000 civis, o que, na verdade, é mais do que a população original da cidade. Na verdade, quando os terroristas entraram na área, os habitantes fugiram, portanto, quando entrámos não encontrámos civis. Normalmente onde os terroristas se infiltram, os civis fogem e as batalhas ocorrem mais tarde. As evidências mostram claramente que a maioria das vítimas na Síria são parte das forças armadas. A maioria dos civis morre em atentados suicidas. Eles também morrem quando os terroristas entram em uma área, para realizar execuções e usá-los como escudos humanos. Os restantes casos são terroristas sírios ou estrangeiros.

FAZ: Depois do impulso alcançado em Al-Qseir, sente que é hora de estender a mão à oposição e considerar a reconciliação?

Assad: Desde o primeiro dia que estendemos a mão a todos os que acreditam no diálogo, esta posição não mudou. No início da crise, tivemos uma conferência de diálogo nacional, lutando ao mesmo tempo contra os terroristas. Mas quando falamos da oposição, é preciso não colocá-los todos no mesmo cesto, é essencial distinguir entre terroristas e políticos. Na Alemanha, há uma oposição, mas não armada. A oposição é um acto político, e assim, quando nos referimos à oposição, referimo-nos aos políticos, com quem estamos sempre comprometidos para o diálogo, independentemente do que aconteceu em Al-Qseir.

Quanto à reconciliação nacional, penso que não se pode aplicar com precisão à Síria um cenário de guerra civil, como foi o caso no Líbano, ou do conflito entre negros e brancos na África do Sul. No nosso caso, trata-se de um diálogo nacional para determinar um caminho para sair da crise e para os terroristas deporem as armas. Em qualquer caso, estamos esperando a conferência de Genebra, que visa essencialmente a mesma solução política. No entanto, existem impedimentos externos, Turquia, Qatar, Arábia Saudita, França e Grã-Bretanha, que continuam a fazer todos os esforços para sabotar o diálogo, a fim de prolongar a crise síria e evitar uma resolução política.

FAZ: Como definiria a oposição política legítima?

Assad: Essencialmente, qualquer partido da oposição que não apoia o terrorismo, não usa armas, e tem uma agenda política clara. Mas os grupos de oposição também estão vinculados a eleições; sua influência vai depender do que eles obtenham nas eleições autárquicas e, mais importante, nas eleições parlamentares. Enfrentamos muitos grupos que se auto-denominam de oposição, o seu sucesso será determinado por duas questões importantes: qual é a sua base popular? E qual é o seu manifesto político? Então se agirá em conformidade.

FAZ: Segmentos da oposição afirmam que não tomou medidas para formar uma frente unida com eles contra a intervenção estrangeira. Isto é verdade, Sr. Presidente?

Assad: Pelo contrário, na conferência de diálogo nacional, em 2011, houve um convite aberto a todos aqueles que se consideravam na oposição. Alguns optaram por participar, enquanto outros optaram por boicotar e nos culpar por não tomar medidas para uma solução. Mas devemos perguntar: o que querem dizer? O que deveríamos estar oferecendo? Cargos ministeriais no governo? A oposição ao actual governo ganhou assentos muito disputados no parlamento. Quando uma oposição, formada por centenas, não tem nenhum assento no parlamento como se pode determinar quem merece fazer parte do governo? Precisamos de critérios claros que não devem ser negligenciados.

Dito de outra forma, o governo não é de propriedade do presidente para ele dar presentes aos outros na forma de ministérios. Exige-se um diálogo nacional e um processo político através do qual os eleitores possam escolher, entre outras coisas, o governo e a Constituição.

FAZ: Quais são os critérios para o diálogo entre governo e oposição? Poderiam incluir a oposição que vive no exterior?

Assad: Nós não temos problemas com os grupos autónomos de oposição que servem uma agenda nacional. Quanto à oposição sediada no exterior, temos de ser muito claros, os seus membros vivem no estrangeiro e informam as chancelarias ocidentais e agências de inteligência. Eles estão baseados no exterior e são, em essência, manipulados pelos estados que fornecem o seu financiamento. A verdadeira oposição síria significa que representa o povo sírio e não países estrangeiros, o que significa ter a sede na Síria e compartilhar os fardos e preocupações do povo sírio. Essa oposição, inevitavelmente, será parte de qualquer processo político.

FAZ: Lutar contra o terrorismo tornou-se agora a prioridade. Na sua recente entrevista à Al-Manar TV, você disse que se vai iniciar um diálogo, que melhor o faria com o senhor de que com os escravos. Até que ponto você está preparado para o diálogo com estas entidades, no futuro, uma vez que lutaram eficazmente contra o terrorismo?

Assad: É precisamente por esta razão que vamos assistir à conferência de Genebra. Eu usei a noção do senhor e do escravo para explicar o que nós sabemos que vai acontecer na realidade. Negociar com aqueles que não têm autonomia sobre suas próprias decisões significa essencialmente fazer, de facto, a negociação com os decisores políticos que ditam como agir, o que aceitar e o que rejeitar. Viu-se recentemente na televisão as imagens do embaixador francês na Síria a dar ordens à oposição externa e insultar, ou o embaixador dos EUA na Síria, gritando e insultando-os. Portanto, na realidade, estamos negociando com os Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e os seus instrumentos regionais, Turquia, Qatar e Arábia Saudita. Esses grupos que se intitulam oposição externa são apenas simples

funcionários, por isso temos os amos e os escravos.

Esperamos que a conferência de Genebra sirva para impulsionar o processo de diálogo na Síria

FAZ: Quais são as suas expectativas para a conferência? Será um progresso ou a estagnação?

Assad: Esperamos que a conferência de Genebra promoverá o processo de diálogo na Síria, especialmente desde que, no início deste ano, apresentámos uma visão de uma solução política com base no comunicado I de Genebra. No entanto, mesmo indo participar na conferência com esta compreensão, temos de ser claros sobre os factos. Em primeiro lugar, os mesmos países que eu mencionei acima que estão apoiando os terroristas na Síria têm todo o interesse em que as negociações falhem. A pergunta lógica é: qual é a relação entre a Conferência de Genebra e o terrorismo no terreno? Simplesmente, se a Conferência de Genebra tiver êxito, como é a nossa esperança, para impedir o contrabando de armas e terroristas - há mais de 29 nacionalidades diferentes documentados na Síria - então isso seria um catalisador para a resolução da crise síria.

Mas se o contrabando de armas e terroristas continua, qualquer solução política não tem nenhum valor. Esperamos que a conferência de Genebra fará deste ponto o elemento mais importante nas negociações, que em última instância determinam o sucesso ou fracasso.

FAZ: Se Genebra II falhar, quais são as consequências?

Assad: Os países que eu mencionei acima continuarão a apoiar os terroristas. Um fracasso em resolver a crise síria fará que se espalhe para outros países, e as coisas só pioram. Logicamente portanto, todas as partes têm interesse no seu sucesso. Quanto à oposição externa, se Genebra II for bem sucedida, eles vão perder o seu financiamento, e se você não tem dinheiro e não tem apoio popular, acabará sem nada.

FAZ: Poderia Genebra II propor um governo de diferentes entidades políticas?

Assad: Isto é o que temos proposto na nossa iniciativa política. Propusemos a formação de um governo alargado de várias entidades políticas para preparar as eleições parlamentares, os vencedores destas eleições poderiam ter um papel no futuro. Esta é uma abordagem a que temos estado abertos desde o início.

FAZ: Sr. Presidente, alguns críticos argumentam que muito sangue foi derramado na Síria, mas culpam a direcção e vêem-no como um obstáculo que se interpõe no caminho do futuro da Síria. Consideraria renunciar, a fim de formar uma nova Síria?

Assad: O presidente tem um mandato nos termos da Constituição; o meu mandato expira em 2014. Quando o país está em crise, espera-se que o presidente deverá assumir o peso da responsabilidade e resolver a situação, e não deixe seu cargo e vá embora. Costumo usar a analogia do capitão de um navio fustigado por uma tempestade; imagine-se o capitão abandonar o navio e fugir num bote! Se eu decidisse sair agora estaria cometendo traição. Agora se, por outro lado, o público decidisse que eu deveria renunciar, isso seria outra questão. E isso só pode ser determinado através de eleições ou de um referendo. A título de exemplo, no referendo constitucional anterior, houve uma participação de 58% - o que é muito bom, em tais circunstâncias, e a Constituição foi aprovada por 89,4%.

A questão nunca foi sobre o presidente, no entanto, trataram de apresentá-la como tal, a fim de forçar o presidente a vender-se aos países que apoiam a oposição, e instalar um presidente fantoche.

FAZ: Sr. Presidente, o senhor vive com sua família em Damasco. Qual é o apoio público que você e sua família desfrutam?

Assad: Quando numerosos vizinhos e países da região e do Ocidente se estão opondo a si, você não poderia continuar sem o apoio popular. O povo sírio estão muito consciente do que está acontecendo e tem entendido a dinâmica da crise desde o início, por isso o seu apoio ao seu governo e exército nunca foram tão grandes.

FAZ: No próximo ano haverá eleições presidenciais; como vê estas eleições?

Assad: Serão realizadas de acordo com a nova Constituição, ou seja, as eleições com vários candidatos. Será uma experiência nova, que não podemos prever neste momento.

FAZ: Sr. Presidente, qual é a sua visão para a Síria nos próximos cinco anos?

Assad: Reitero que o nosso maior desafio é o extremismo. Se pudermos lutar contra ele, com uma melhor educação, novas ideias e a cultura, então podemos avançar para um estado democrático saudável. A democracia, como a vemos na Síria não é um objetivo em si mesmo, mas um meio para um fim - a estabilidade e prosperidade. As leis e as constituições também são apenas ferramentas, ferramentas para o desenvolvimento e o progresso das sociedades. Porém, para a democracia florescer, deve tornar-se um modo de vida - uma parte da nossa cultura, e isso não pode acontecer quando há tantos tabus sociais impostos pelas ideologias extremistas.

Além disso, há, naturalmente, o processo de reconstrução, um novo impulso às nossas indústrias nacionais e a restauração e a abertura da nossa economia. Vamos continuar a ser abertos na Síria, ainda estamos aprendendo e vamos tirar as lições desta crise. Uma dessas lições é que a ignorância é o pior inimigo da sociedade e é a base para o extremismo, e esperamos que a Europa tenha aprendido com essas lições.

FAZ: Sr. Presidente, muito obrigado. Fiquei muito impressionado pela sua personalidade e sua visão, espero que a Europa e o Ocidente beneficiem desta entrevista e possam vê-lo a si e ao seu país de forma diferente.

Assad: Obrigado e seja bem-vindo de novo à Síria.

Ver também:

- [Syrian Arab News Agency](http://sana.sy/eng/21/2013/06/17/487994.htm) A versão em inglês encontra-se em sana.sy/eng/21/2013/06/17/487994.htm e em castelhano em www.resumenlatinoamericano.org/ . Tradução de GC.
- Esta entrevista encontra-se em <http://resistir.info/>

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [DR Bachar al-Assad](#)

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca